

## BORDAS E FRONTEIRAS ENTRE O PAPEL E A TELA DIGITAL: A PRÁTICA DE ANOTAR E OS MULTILETRAMENTOS

Andréa Silva Moraes (UFPE)<sup>1</sup>

### RESUMO

Dissertar sobre anotações é, num primeiro momento, falar sobre uma prática a que tão comumente recorremos no nosso dia a dia, causando-nos estranheza pela naturalidade com a qual lidamos com este gênero. Porém, se observarmos de que forma as anotações se modificaram no decorrer do tempo, perceberemos que anotar vai além de um registro escrito, mas possui grandes ligações com os letramentos que adquirimos em virtude das transformações tecnológicas. Assim, voltamos o olhar sobre como as anotações se desenvolvem em conjunto com recursos digitais, tais como *smartphones*, *tablets* e computadores, e a facilidade com a qual encontramos tais aplicativos disponíveis para anotar como tendência inovadora na construção do conhecimento. Este trabalho buscou, portanto, mapear quais aplicativos estão disponíveis, atualmente, para produzir anotações em suporte digital, os recursos disponibilizados por eles e suas possíveis mudanças na cultura da prática de anotar em relação ao suporte em papel a partir de pesquisas científicas sobre anotações na contemporaneidade e a relação leitor x tela. Para isto, utilizamos como aporte teórico os trabalhos de BAZERMAN (2006), BOSCH & PIOLAT (2005), CHARTIER (1999), DIONISIO (2011), MARCUSCHI (2007) e XAVIER (2014) para analisar os aplicativos, encontrados a partir de pesquisas na web em blogs sobre tecnologia e sites de download de aplicativos. Também discutimos os posicionamentos teóricos encontrados em trabalhos científicos face a estas mudanças tecnológicas na forma de nos relacionarmos com a escrita. Os resultados mostraram que os aplicativos estão, em sua maioria, disponíveis em versão gratuita. A maior parte destes aplicativos direcionava sua funcionalidade para domínios discursivos específicos (escolar, empresarial, cotidiano). Os recursos disponíveis procuram se assemelhar às anotações produzidas em papel, porém agregando à escrita em tela novas possibilidades multimodais de construção de sentidos, conduzindo-nos ao multiletramento e ressignificando nossas práticas de escrita.

**Palavras-chave:** anotações digitais. cultura escrita. aplicativos.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras pela UFPE, bolsista Capes, orientada pelo Prof<sup>o</sup> Dr. Antonio Carlos Xavier.

## 1. Introdução

Tão difícil quanto situar quando exatamente começamos a escrever, é situar quando começamos a tomar notas. Essa forma de “extensão da nossa memória” perpassou diversas revoluções que sofreu a escrita ao longo da história, saindo das paredes das cavernas para as telas touchscreen do mundo todo. Chartier (1999), ao refazer a trajetória do livro ao longo da história, mostra-nos como o leitor foi ganhando, aos poucos, autonomia para intervir fisicamente nos textos, inserindo comentários, sublinhados, símbolos, entre outros recursos semióticos, nas margens e dentro dos textos, dialogando com o autor.

O fato é que as novas tecnologias modificaram profundamente as nossas produções escritas, sua materialização e difusão. E, estando as anotações tão vinculadas às nossas práticas sociais de leitura e escrita, acompanharam estas transformações. O tradicional bloquinho de notas cedeu lugar a inúmeros aplicativos existentes para anotar, sendo substituído por smartphones e tablets, por exemplo, nos bolsos e nas bolsas das pessoas. Essa transformação perpassa diversos domínios discursivos e, no domínio educacional, algumas dessas mudanças são nítidas. Atividades como copiar informações durante a aula, por exemplo, reduziram seu tempo a apenas um segundo através de uma simples fotografia do quadro negro.

Tendo em vista tal contexto, neste trabalho investigamos quais aplicativos estão disponíveis, atualmente, para realização de anotações. A investigação foi realizada através do mapeamento de tais aplicativos, observando quais recursos eles dispõem para possibilitar a escrita de anotações e se impulsionam mudanças na prática de anotar em relação à realização deste gênero no papel. Utilizou-se, então, sites de busca, sites e blogs especializados em tecnologia e sites de download de aplicativos para elencar, entre eles, quais se dispunham a fornecer recursos para produzir o gênero anotação. Visto isto, sistematizou-se os aplicativos e programas encontrados, categorizando-os em gratuitos ou pagos, sistemas em que são

executados, mídias em que podem ser instalados, recursos disponíveis e função “compartilhar em rede”.

Apesar de, numa busca inicial, encontrarmos inúmeros aplicativos que possuem como proposta fornecer recursos para anotar, muitos destes limitavam as anotações a serem realizadas num contexto específico, como “fazer listas de compras” ou “fixar pequenos lembretes ou post-its”, interessando-nos somente os aplicativos que não fizesse tal distinção ou estivessem diretamente ligados a fins educacionais. Destes, verificamos que suas funcionalidades apresentam-se de forma semelhante, sendo muitas delas apenas adquiridas através de uma versão “pro” ou “plus”, de forma não-gratuita. Do ponto de vista dos modos de realização do gênero anotação, os aplicativos fornecem, diferentemente do papel, opções mais ágeis de cópia de trechos e a possibilidade de hibridização maior, abarcando vários outros gêneros e recursos semióticos, que podem ser inseridos de forma rápida e simultânea ao longo da anotação, como fotografias, “adesivos”, desenhos prontos, entre outros recursos que tornam a escrita de anotações mais propensa às multisemioses. Além disso, há aplicativos que auxiliam na construção destas anotações, com modelos de esquemas, listas etc, que podem ser preenchidos de acordo com o objetivo do autor.

## 2. O que é anotar? Porque anotamos?

Definida inicialmente como a prática de produzir, por escrito, recursos semióticos diversos ao realizarmos atividades que envolvem a leitura ou escuta de textos, a anotação é tão naturalizada em nosso cotidiano que sua presença é inquestionável, principalmente em domínios discursivos específicos, como é o caso da escola. Não que seja possível enumerar ou mesmo restringir os momentos nos quais o gênero anotação está presente, mas é no domínio discursivo escolar que esse tipo de produção escrita é permeado por diversificadas estratégias textuais. (Moraes, 2013)

Em pesquisa realizada em 2013, na dissertação “Espaços em branco: um convite a anotar”, sobre o uso de anotações em situação de avaliação com questões de

múltipla escolha, constatou-se que anotar é uma prática que vai além do momento em que os traços e os recursos semióticos são inseridos. Quando anotamos, mobilizamos conhecimentos e vozes que dialogam com o que lemos ou ouvimos. Assim, anotar é mais do que um registro, podendo torna-se uma oportunidade para o diálogo entre leitor e texto, leitor e autor, escritor e texto.

Do ponto de vista cognitivo, pesquisadores como Piolat et al, 2004, Boch & Piolat, 2005; entre outros já mostraram o potencial do gênero anotação quando bem empregado a favor da aprendizagem. Entretanto, mesmo com os trabalhos de Cavalcanti (2012), Eliane Moraes (2005) e Andréa Moraes (2013), vemos que as reflexões em torno da prática de anotar como parte de atividades de ensino-aprendizagem são escassas, ainda que sua presença seja incontestável nas aulas de todas as disciplinas.

Entretanto, antes de adentrarmos na problematização sobre como as anotações podem ser utilizadas em sala de aula, faz-se relevante refletir sobre o gênero e suas peculiaridades. Neste trabalho, a veia teórica adotada é proveniente dos Estudos Retóricos de Gêneros (doravante (ERG), a partir dos postulados de Bazerman (2011).

Para Bazerman (2011), mesmo que tenhamos a liberdade para produzir anotações da forma que nos for mais proveitosa, sem precisar obedecer a regras de construção, é possível reconhecer o gênero anotação a partir de sua tipificação. Isto porque o reconhecimento do gênero é psicossocial. Como nos esclarece o autor (2011: 32), “os gêneros tipificam muitas coisas além da forma textual. São parte do modo como os seres humanos dão forma às atividades sociais”. Dessa forma, as anotações são reconhecidas não somente pelos traços textuais que são criados, mas principalmente pelas atividades sociais nas quais as utilizamos e pelos significados que lhes atribuímos (BAZERMAN, 2011).

Sobre os domínios discursivos em que aparecem, diferente de outros gêneros textuais, as anotações podem surgir em espaços delegados a esta função ou não. Quando queremos anotar algo rapidamente, por exemplo, utilizamos espaços

improvisados como em folders, cartões ou qualquer espaço originalmente não designado para tal atividade. Mas podemos, também, carregar conosco os espaços designados previamente para anotações como, por exemplo, blocos de notas, aplicativos para anotar no celular, ou até mesmo em situações mais formais, como no ENEM, em que o “Caderno de Questões” pode ser utilizado para anotar livremente para solucionar questões e escrever a redação escolar, sem que estas notas sejam consideradas na avaliação dos candidatos. Tais espaços, improvisados ou não, podemos denominar “rascunhos”.

“Os rascunhos podem ser definidos como espaços discursivos nos quais convergem diversos tipos de anotações, sejam elas na forma de elementos verbais ou não verbais, cuja organização textual pode se configurar em gêneros textuais mais específicos, como tabelas, mapas, listas, entre outros, num universo das anotações possíveis de serem realizadas, por exemplo, no ambiente escolar.” (Moraes, 2013: 27) Portanto, podemos diferenciar anotação e rascunho, sendo a primeira os registros que se organizam com base em outros gêneros textuais e o último o espaço discursivo no qual esta organização acontece.

Quanto à ação social, a presença de anotações perpassa diferentes domínios discursivos. É possível, inclusive, classificar os tipos de anotações a partir dos domínios discursivos nos quais aparece, como proposto por Moraes (2005). Contudo, entre as características mais gerais da prática de anotar, independente do domínio discursivo em que se encontra, tomar notas é sempre produzir um gênero a serviço de outros gêneros. Por exemplo, quando estamos ouvindo uma exposição oral, podemos anotar para pressupor as falas do expositor. Ou, quando anotamos num bloco de notas, podemos antecipar um gênero que será produzido mais tarde, como um relatório, uma redação escolar etc. Podemos, inclusive, fazer as duas coisas ao mesmo tempo: pressupor e antecipar, tornando a anotação um gênero intermediário num conjunto de gêneros. Para Bazerman (2011: 33), um conjunto de gêneros é uma “coleção de tipos de textos que uma pessoa num determinado papel tende a produzir”. Os gêneros envolvidos nestes conjuntos podem variar conforme os sujeitos, o domínio discursivo a

que estas anotações se destinam, a situação de interação, os propósitos comunicativos, entre tantos outros fatores. Conforme exemplifica Bazerman (2011: 34), as anotações elaboradas por um aluno certamente irão diferir, em termos de conjunto de gêneros, das anotações elaboradas por professores. Enquanto os alunos realizam anotações sobre leituras, sobre o que foi dito nas aulas, sobre dados e informações para os trabalhos, os professores realizam anotações para dar aula, anotações na caderneta, anotações para posteriormente produzir relatórios, entre tantas outras situações da vida comum no ambiente escolar.

Do ponto de vista da escola, a produção de anotações está associada ao empenho em aprender. Apesar disto, anotar para aprender na escola ainda se assemelha a atividades que aprendemos de forma autônoma e intuitiva no nosso cotidiano, sem qualquer direcionamento ou sistematização sobre qual a maneira mais produtiva de organizar as anotações, como utilizá-las posteriormente, seu potencial no compartilhamento de ideias e diálogo com o saber.

Do ponto de vista do gênero anotação para finalidades pedagógicas, mesmo tendo um modo de agir recorrente, a prática de anotar também vai se remodelando a partir dos objetivos a que se destina. Pois, se pensarmos nas palavras de Souza et al (2012: 60), “as finalidades pedagógicas da escola – ensino, aprendizagem e avaliação – influenciam as práticas de linguagem realizadas predominantemente neste ambiente”. Dessa forma, as anotações nesse contexto se configuram de forma a atender às finalidades da escola. Quando nos deparamos com uma informação nova lançada pelo professor durante sua exposição oral, às vezes precisamos, por exemplo, traçar esquemas, montar tabelas, topicalizar informações, para apoiar nossa memória na organização de ideias provenientes tanto do conhecimento que já possuímos quanto do conhecimento que estamos adquirindo. Para Bunzen (2009, 144), “anotações, cópias, transcrições, ilustrações, vistos das professoras ou das próprias alunas, lembretes, mensagens, fazem parte da corrente de comunicação verbal ininterrupta da vida cotidiana e mostram particularidades do cotidiano escolar”.

Contudo, mesmo com uso frequente, a anotação ainda é um gênero marginalizado na escola, muitas vezes aprendido intuitivamente pelos alunos. Como afirmam Souza et al (2012), “se os estudantes têm de anotar, eles quase sempre anotam como acham que deve ser, sem contar com orientações sobre isso”. De acordo com as autoras, a prática de anotar deve ser também tratada pelo professor e junto a ele desenvolvida com os alunos, não restrita apenas à aprendizagem autônoma. Embasado em outros autores, Souza et al (2012: 67) chama-nos atenção sobre o potencial que possui o gênero anotação, como sendo um dos “processos e produtos mais significativos nas práticas escolares, isto é, práticas que permitiram a transmissão de conhecimentos e a imposição de condutas circunscritas ao espaço escolar”.

Quanto à presença de anotações na escola, Moraes (2005) trouxe contribuições sobre o tratamento das anotações nos livros didáticos. Os resultados da pesquisa mostraram que frequentemente a anotação aparece atrelada a outras atividades e gêneros textuais, tais como a elaboração de seminários, a escrita de resumos, a cópia, a transcrição, a reescrita, o diário de leitura, entre outros. Ao analisar as coleções didáticas que compunham o corpus da sua pesquisa, Moraes (2005) verificou que não são dadas instruções sobre o que são anotações e para quê servem. Entretanto, mesmo que o gênero não possua destaque nas coleções analisadas, as análises revelaram à autora que a prática de anotar vai além do simples registro.

Quanto às pesquisas sobre anotação na área de Psicologia Cognitiva, Piolat et al (2004) ressaltam como a prática de anotar na sala de aula são importantes. Isto porque, para os autores, anotar é um processo que mobiliza os alunos desde o momento em que planejam o que anotar, além dos momentos em que essas anotações são revisitadas. Do ponto de vista cognitivo, anotar é uma estratégia que pode auxiliar de maneira eficaz os alunos a relembrem e a arquivarem o que leram e/ou ouviram. Ainda na mesma área de atuação, Boch & Piolat (2005) nos mostram que anotar é produzir uma memória externa, que busca “estabilizar” as informações que estão sendo mobilizadas naquele momento. Os autores remetem, ainda, na pesquisa em que realizam, às situações em que anotamos a partir de um discurso

falado, como em palestras, videoaulas, conferências ou salas de aula, por exemplo. Mesmo que a pesquisa dos autores Boch & Piolat (2005) seja realizada com outras finalidades, entre os resultados foi perceptível o pouco engajamento das escolas e até mesmo das universidades para fornecer qualquer tipo de ajuda na aquisição de habilidades necessárias na construção bem sucedida de anotações.

Ainda sobre os efeitos cognitivos da prática de anotar, seja de modo positivo ou negativo, alguns autores desenvolveram estudos que comprovam como as anotações influenciam nossas funções cognitivas para o aprendizado. No artigo de Boyle & Weishaar (2001) vemos um estudo sobre como o uso de anotações para a memória está relacionado à compreensão leitora em alunos com problemas de aprendizagem. Entre os resultados coletados, observou-se que anotar estrategicamente está relacionado à compreensão e retenção de informações em comparação a anotações realizadas de maneira não-estratégica e intuitiva.

Há, ainda, no campo da psicologia cognitiva, estudos experimentais que ratificam os resultados encontrados por Boyle & Weishaar (2001). Einstein et al (1985), ao investigarem os efeitos de anotar para a memória, chegaram a resultados que sugerem aumento do processamento organizacional das informações no discurso falado dos leitores que anotam. Kiewra & DuBois (1991), destacam o ações, confirmando que anotações elaboradas de forma não linear produzem melhor evocação de conhecimentos do que as anotações produzidas de maneira linear.

Quanto à função, para Boch & Piolat (2005, p.111), “o objetivo de ensinar a tomar notas deveria ser ajudar os alunos a progredirem não mais rapidamente, mas de uma maneira que suas habilidades em usar essa ferramenta indispensável sejam aprimoradas”. Tais autores afirmam que a tomada de notas é capaz de “estabilizar” conhecimentos que serão adquiridos e, posteriormente, reproduzidos em provas; e auxiliar na resolução de problemas, no entendimento de documentos complexos, na escrita de relatórios ou para a resolução de equações.

No Brasil, alguns documentos oficiais abordam o uso de anotações para o aprendizado na escola, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Sobre



anotação, os PCN (p. 110) atribuem ao professor a tarefa de estimular a escrita de anotações. Para o documento, a prática de anotar permite que se realize movimentos de regulação da escrita, proporcionando um espaço para “ajustes necessários, correções de percurso e negociações, de modo que o aluno se sinta valorizado em seu trabalho e responsável por sua própria aprendizagem”.

A anotação é vista, de acordo com os PCN, como um canal de diálogo entre o professor e o aluno, na busca pelo conhecimento. Porém, não são dados direcionamentos sobre como ensinar a anotar pode favorecer o processo de aprendizagem, apesar de sugerir o estímulo à autonomia do aluno ao se engajar em aprender. O uso da anotação com ferramenta de autorregulação foi discutido por Cavalcanti (2012), mostrando como anotar pode auxiliar no planejamento de situações de aprendizagem da língua inglesa.

O uso bem sucedido de anotações perpassa a aprendizagem em todas as disciplinas, não se restringindo apenas às aulas de línguas. Um exemplo de como anotar pode se tornar uma estratégia é dado por Souza et al (2012: 62). O autor mostra que, num problema de física, “a produção de equações – verdadeiros textos em linguagem matemática – de um pequeno texto escrito pode ‘salvar’ a resolução da questão”. Ainda sobre estratégias de aprendizagem, Souza et al (2012) encorajam de anotações não lineares, ao aconselharem que sejam feitos esquemas ou desenhos para melhor visualizar ou resolver um problema. Tal encorajamento corrobora com os autores Kiewra & DuBois (1991). Para Sousa (2005: 183), “os leitores geralmente formam imagens mentais ou cenas enquanto leem. Essas visualizações ajudam os leitores a lembrar e a entender o que eles leram”.

O lado multimodal das anotações nos ajuda a organizar melhor as informações, ajudando-nos a estabelecer conexões e visualizar relações. Quando estamos diante de um texto complexo, por exemplo, às vezes precisamos montar um esquema, parafrasear, realizar pequenas contas ou até mesmo construir imagens mais complexas, como uma tabela, um diagrama ou uma linha do tempo. Nesse sentido, a variedade de recursos que utilizaremos para constituir nossas anotações será tão

grande quanto nossa criatividade, nossa capacidade em formar conexões e imagens mentais, sempre tendo em vista os gêneros que nos motivam a produzir tais recursos em nossas anotações (Moraes, 2013).

Naturalmente, o engajamento da escola no mundo tecnológico tem propiciado mudanças na abordagem de diversos gêneros textuais em sala de aula. Entretanto, por ser considerada muitas vezes uma prática intuitiva, ao gênero anotação muitas vezes é atribuído o status de periférico, geralmente anterior ou posterior a um gênero principal, como por exemplo, a fala de um palestrante, a resolução de um problema matemático, a escrita de uma redação etc (Moraes, 2013). Dessa forma, suas modificações diante dos novos recursos tecnológicos para anotar em situações de ensino-aprendizagem são ainda pouco registradas e embasam, entre outros aspectos, a discussão proposta neste trabalho.

### 3. Anotar na era digital

É fato que a tecnologia mudou nossas relações com a leitura e a escrita de textos. Diante disso, anotar passou a ser uma das atividades consideradas na disponibilização e desenvolvimento de tecnologias. Hoje, quase todos os *tablets* e *smartphones* possuem um aplicativo com a função de produzir anotações já instalado pelo fabricante. O sistema Windows, desde muito, já traz entre seus softwares o aplicativo “Bloco de Notas” como parte integrante do sistema. Produzir anotações em um ambiente digital, portanto, não é uma ideia tão recente quanto possa parecer.

Para Xavier (2014: 02), “o crescente acesso de pessoas à rede mundial de computadores e o surgimento de vários gêneros digitais têm possibilitado a criação de uma maneira diferente de lidar com a escrita e suas normas gráficas”.

Nesse sentido, o gênero anotação não se transforma num novo gênero na era digital, mas num gênero com novas formas de organização textual, incluindo novas semioses e suportes.

Em plataformas de cursos de Educação à Distância (EAD), por exemplo, é possível contar com recursos que possibilitam a escrita de anotações digitais pelos alunos e compartilhamento destas anotações com os professores, tornando este gênero parte integrante do processo de aprendizado, transferindo-o para um local de destaque. É o caso, por exemplo, descrito na área de Sistemas da Informação. É possível acompanhar no artigo “DLNotes2: anotações digitais como apoio ao ensino”, escrito por Mittmann et al (2013) e publicado no II Congresso Brasileiro de Informática na Educação, como a produção de anotações digitais aparece integrada a um curso de Letras em EAD. No artigo, descreve-se de forma sucinta como a ferramenta DLNotes2 foi utilizada na leitura e execução de atividades envolvendo textos literários, especialmente como o aplicativo ajuda a produzir determinados tipos de anotações.

Se, brevemente, lançarmos mão da palavra-chave “anotar” ou “anotação” num mecanismo de buscas online, teremos como resultados não apenas *links* relacionados à construção deste gênero, mas também programas e aplicativos disponíveis, muitos deles de forma gratuita, destinados à produção de anotações. Empresas renomadas no mundo digital possuem aplicativos destinados a anotar, como a Microsoft, por exemplo, que desenvolveu o “OneNote”, programa que permite a escrita e compartilhamento de anotações. Há, também, aplicativos para anotar indicados por sites e blogs especializados em tecnologia, como por exemplo o blog TecMundo, com o artigo “5 melhores Apps de Anotação para Android”, com o App “Evernote” no topo da lista, nas versões gratuita e *premium*. Conta-se, hoje, com diversificados recursos e softwares para anotar em ambiente digital, que podem ser instalados em computadores, *tablets* e *smartphones*, e utilizados em diversas tarefas cotidianas.

Tendo em vista o fácil acesso a estes aplicativos em conjunto com a disponibilidade para a compra de recursos tecnológicos nos últimos anos, a prática de anotar em ambiente digital não pode mais ser considerada uma novidade. Entretanto, dispor de tais recursos em para aprendizagem ainda aparece desassociada às atividades e à produção de conhecimento na sala de aula. Os *smartphones*, *tablets* e computadores são vistos, muitas vezes, como verdadeiros vilões pelos professores.

Como constata Xavier (2014: 04), “as escolas, que desconhecem ou desconfiam do funcionamento e das vantagens das novas tecnologias, têm se recusado a usá-las em suas atividades cotidianas”. E complementa: “o exemplo mais comum desse discurso tecnóforo observado entre professores principalmente de Língua Portuguesa é que a linguagem da internet tem prejudicado a aprendizagem da escrita correta das palavras do Português” (Xavier, 2014: 04). Segundo o autor, este repúdio às novas tecnologias aparece ligado muitas vezes ao comodismo. Entretanto, o desenvolvimento dos alunos e seu consequente ingresso ao mundo letrado envolve, atualmente, questões que englobam a leitura e a escrita além do “papel”. A convivência pacífica entre aparelhos eletrônicos e professores deve ser fato comum nas salas de aula no século XXI. As anotações digitais, portanto, podem servir como elo nesta convivência, possibilitando o desenvolvimento de atividades encorajadoras da leitura e da escrita como forma de constante aprendizado, ampliando as experiências de alunos e professores.

Entretanto, mesmo que seja um gênero de inegável abrangência na esfera escolar, assim como outros gêneros que acabaram inseridos na esfera digital, a anotação é suscetível a questionamentos sobre quais seriam seus reais benefícios pedagógicos e, mais, se a sua mudança para suportes digitais não favorece a dispersão. Para Mary Rangel<sup>2</sup>, “submersos em um cotidiano tão veloz quanto permeado de multimídias e multitarefas, os alunos podem perder condições de concentração (...) o que dificulta a elaboração de conceitos e o exercício do pensamento reflexivo”. Porém, faz o contraponto: “a presença e usos dessas tecnologias no ambiente da escola devem também ser acompanhados por processos e práticas socioeducacionais que aproveitem suas funções e evitem suas disfunções”.

Outros pesquisadores, entretanto, não possuem a mesma opinião sobre o uso das tecnologias para a aprendizagem. Em reportagem<sup>3</sup> da Revista Guia do Estudante, Ana Lourenço traz à tona o que seriam os resultados dos pesquisadores Daniel

---

<sup>2</sup> Artigo da revista Escala Educacional. Disponível em <http://linguaportuguesa.uol.com.br/linguaportuguesa/gramatica-ortografia/47/artigo319376-1.asp> Acesso em 13 out 2015.

<sup>3</sup> Disponível em <http://guiadoestudante.abril.com.br/vestibular-enem/anotar-mao-melhor-memorizar-usar-computador-aponta-estudo-782668.shtml> acesso em 13 out 2015.

Oppenheimer e Pam Mueller sobre a anotação à mão versus a anotação no computador. Em experiência que envolveu a dois grupos, um deles instruído a anotar num bloco de papel e outro a anotar no notebook ao assistirem a uma palestra. De acordo com o estudo, os que anotaram à mão demonstraram maior profundidade nas respostas dadas em entrevista posterior à palestra, enquanto o grupo que anotou no computador tendia à cópia. Ainda segundo o estudo, as anotações feitas à mão pareciam selecionar melhor as palavras e informações, enquanto quem anotava pelo computador tendia a fazer cópias literais. Via facebook, usuários deram opiniões sobre a pesquisa anunciada na Revista. Entre as opiniões, percebemos uma tendência à anotação em papel, com posições bastante conservadoras sobre utilizar tecnologias em prol da aprendizagem. Uma das internautas disparou “Nada que quem é da época do papel e lápis, ainda não soubesse” (sic). Para alguns, mais otimistas, o suporte digital não influencia negativamente: “É relativo. Eu uso as duas formas e não sinto diferença. Só que no computador eu não tenho que manter as luzes acesas para estudar”.

Coincidência ou não, outros pesquisadores ratificam a ideia do papel ser um melhor suporte para a aprendizagem. Para Naomi Baron<sup>4</sup>, a leitura e a escrita no papel produz melhores resultados para o cérebro. Numa abordagem mais cognitiva sobre o tema, a linguista fez um estudo envolvendo 300 estudantes e destacou que a leitura no papel tende a ser mais “contínua e sem interrupções”. Baron nos faz repensar questões sobre a leitura e a escrita em tela que, até então, eram vistas exclusivamente como qualidades. Isto porque a leitura em tela quase sempre se encontra associada à leitura em rede, interligada, conectada. Marcuschi (2007) nos chama a atenção para o desafio que seria uma leitura “hipertextual”, por assim dizer, antecipando muitos dos questionamentos sobre os benefícios da tela para a leitura e escrita de textos. Para Marcuschi (2007),

---

<sup>4</sup> Disponível em [http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/leerescrevernopapelfazbemparaocerebrodizestudo](http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/lereescrevernopapelfazbemparaocerebrodizestudo) aceso em 23 fev 2015.

diferentemente do que um texto de um livro convencional, o hipertexto não tem uma única ordem de ser lido. A leitura pode dar-se em muitas ordens. Tem múltiplas entradas e múltiplas formas de prosseguir. Há maior liberdade de navegação pelas informações como se estivéssemos imersos num *continuum* de discursos espalhados por imensas redes digitais.

Em seguida, o autor nos chama a atenção para o *stress cognitivo*, inerente a essa multiplicidade de escolhas que somos obrigados a fazer quando estamos diante de um hipertexto. “Este aspecto será importante no momento em que se pretende utilizar o hipertexto em sala de aula como instrumento para o ensino, pois ele exigirá do aluno muito mais do que um livro, por exemplo” (Marcuschi, 2007: 148).

Essa não-linearidade, tão vinculada à escrita em tela, nos coloca diante de infinitas possibilidades de construção textual, já que podemos mesclar, retirar, inserir múltiplas semioses a qualquer momento. Dessa forma, se anotamos num *tablet*, por exemplo, os movimentos de edição do texto aumentam. Tais mudanças no modo de anotar partem de um panorama geral sobre a escrita em novos suportes: “os processadores de texto modificam nossa relação com a escritura, particularmente com as estratégias de produção textual” (Marcuschi, 2007: 149).

Para Snyder (apud Marcuschi, 2007: 149), uma nova tecnologia não é a reciclagem de antigos hábitos, mas uma mudança social que culmina em novos eventos. Portanto, quando pensamos no gênero anotação produzido a partir de novas tecnologias estamos também falando de questões além da simples escolha por um suporte em detrimento de outro, mas de uma cadeia de mudanças, que envolve desde questões mais cognitivas, como memória e a concentração, até questões sociais, como o acesso a tais tecnologias, os múltiplos letramentos envolvidos, a relação de diferentes gerações face a esse cenário e como todos esses aspectos estão ligados à aprendizagem.

#### 4. Aplicativos para anotar: bordas e fronteiras entre o papel e a tela digital

Quando falamos em aplicativos para anotar, é relevante mencionar que estamos diante de softwares desenvolvidos com base na escrita grafocêntrica. Para Signorini (2013: 202), “quando se considera a passagem do verbal escrito para a hipermídia, a primeira questão que se coloca é a do design”. Baseando-nos na afirmação da autora, salientamos que, num panorama geral, os aplicativos para anotar, ainda que embebidos de inúmeras inovações nesta passagem do verbal escrito para a hipermídia, apoiam-se em grande parte nos recursos comumente produzidos quando anotamos em papel.

Neste trabalho, foram analisados aplicativos para anotar populares em sites de downloads e recomendados por blogs de tecnologia, além de serem disponibilizados por grandes empresas da área. Os aplicativos selecionados para análise neste trabalho foram: Microsoft OneNote, Evernote e SimpleNote.

Cada aplicativo foi instalado e suas funcionalidades foram testadas. A partir disto, foram sistematizadas informações básicas sobre eles, tais como gratuidade, disponibilidade, sistemas operacionais compatíveis, recursos e conexão com as redes sociais. Tais dados podem ser observados na tabela em forma de figura, logo abaixo:

Figura 01: Programas para anotar

PROGRAMAS PARA ANOTAR					
Nome	Gratuito?	Disponível para	Sistema	Recursos	Conexão com redes sociais e e-mail
Evernote <a href="http://evernote.com">http://evernote.com</a>	Sim	Computador/Tablet/Smartphone	Windows/MAC / IOS/Android	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bloco de notas</li> <li>• Captura de imagens em tela</li> <li>• Mão livre</li> <li>• Inserção e captura de fotos</li> <li>• Emoticons</li> <li>• Organização por cadernos</li> </ul>	Sim
Microsoft OneNote <a href="http://office.microsoft.com/pt-br/onenote/">http://office.microsoft.com/pt-br/onenote/</a>	30 dias grátis	Computador/Tablet/Smartphone/Web	Windows/MAC / Android/ Web/IOS	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bloco de notas</li> <li>• Captura de imagens em tela</li> <li>• Mão livre</li> <li>• Inserção e captura de fotos</li> <li>• Emoticons</li> <li>• Organização por cadernos</li> </ul>	Sim
Simplenote <a href="http://simplenoteapp.com">http://simplenoteapp.com</a>	Sim	Computador/tablet/smartphone	IOS/MAC/ Android/Kindle /Web	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Somente texto</li> </ul>	Sim

Fonte: Elaborada pelo autor

Num primeiro momento, percebemos que os aplicativos Evernote e Microsoft OneNote se assemelham quanto aos recursos, sendo este último disponível também para uso via Web. Já o aplicativo Simplenote, diferentemente dos demais, utiliza apenas texto verbal para a produção de anotações mas, por outro lado, está disponível também para uso em Kindle.

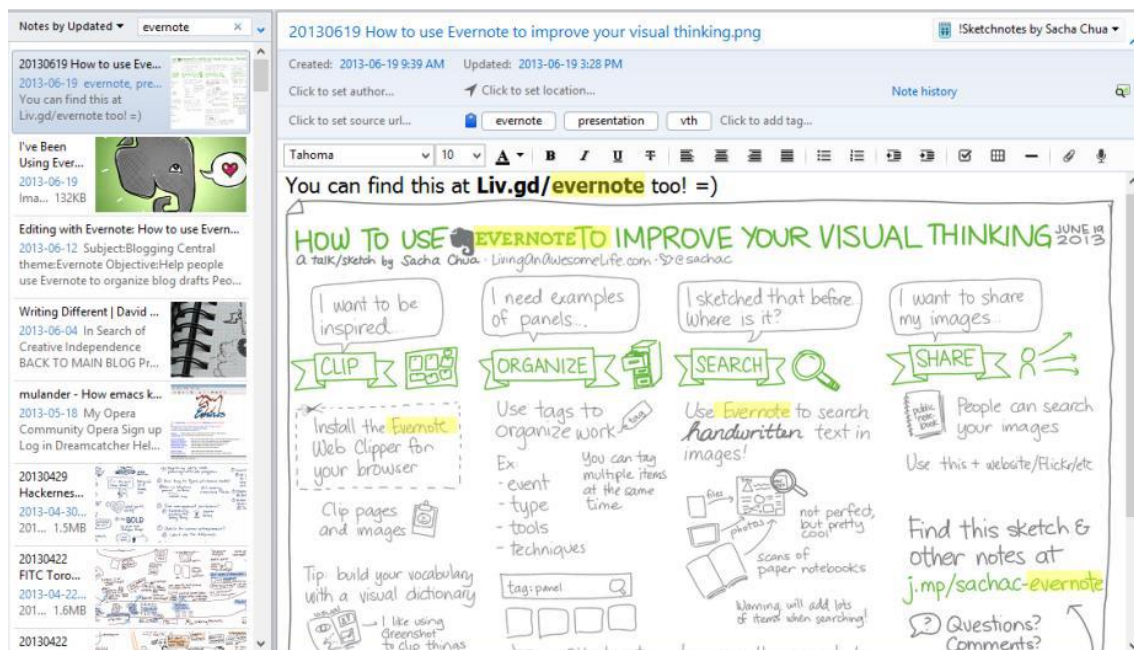
Posterior a esta primeira análise das características técnicas e gerais de cada aplicativo, chama-nos atenção a inserção de aspectos comumente presentes em páginas da web (inserção e captura de fotos) ou em redes sociais (emoticons) à constituição das anotações. Se, por um lado, estes recursos possibilitam à produção de anotações maior liberdade e criatividade, por outro lado nos dão também múltiplos letramentos com os quais precisamos lidar. Como sustenta Signorini (2013: 203) sobre



escrever para a tela, “surge a necessidade (...) da mobilização de habilidades múltiplas, não só as relacionadas ao processo de textualização no sentido convencional do termo, mas também relacionadas aos processos técnicos e semióticos envolvidos (...)”.

Os aplicativos Evernote e Microsoft OneNote disponibilizam para a produção de anotações em tela uma infinidade de recursos e, neste trabalho, nossas análises irão se pautar nestes *softwares*. É possível organizar uma anotação com a liberdade com a qual fazemos quando anotamos à mão mas, mais do que isto, inserir elementos semióticos diversos com mais facilidade, tais como emoticons ou uma imagem que seja pertinente naquele momento. A seguir, na figura 02, vemos uma imagem promocional do Evernote que direciona a utilidade dos recursos semióticos disponíveis para a produção de texto no software:

Figura 02: Imagem promocional do Evernote



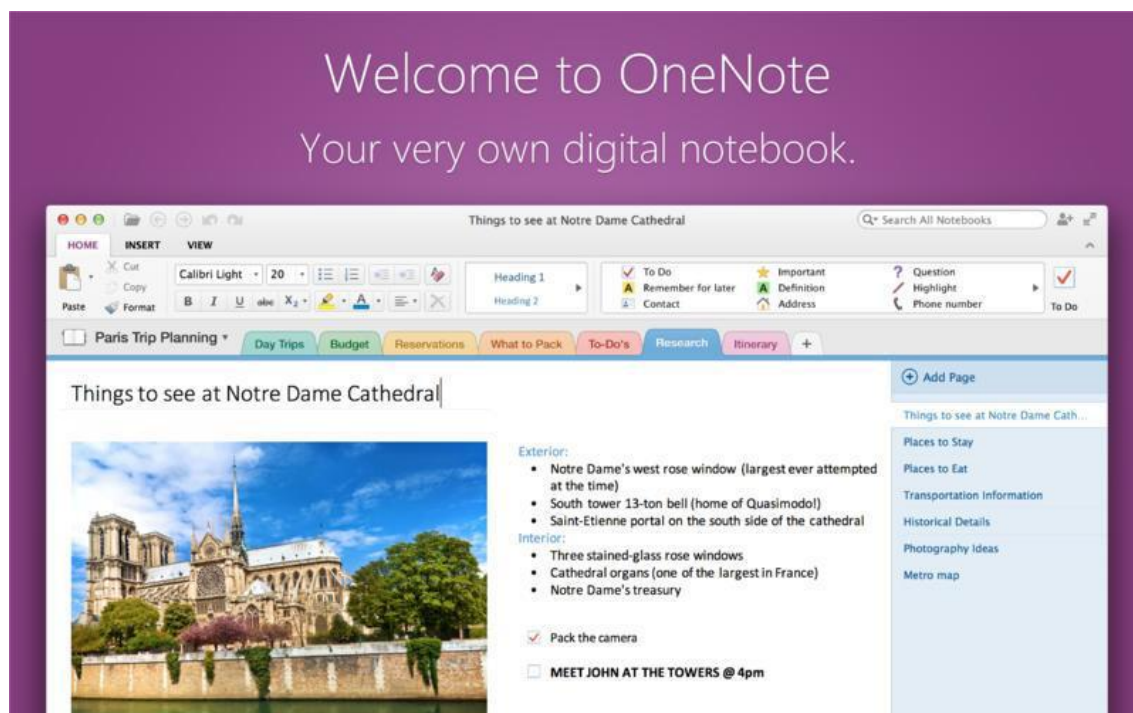
Fonte: Blog na internet<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Disponível em <http://sachachua.com/blog/wp-content/uploads/2013/06/image2.png> Acesso em 04/11/2015.

O informativo intitulado “Como utilizar o Evernote para melhorar seu pensamento visual” direciona e instrui o aprimoramento das habilidades semióticas mencionadas por Signorini (2013). Percebemos, também, em relação ao suporte em papel, que a maneira como os elementos são disponibilizados pelo software já é um fator motivador para esta escrita multisemiotizada. Isto não quer dizer que anotações produzidas em papel se restringem apenas ao verbal, mas sim que temos, diante de nós, no suporte em tela, novas formas de lidar com o gênero anotação, entre elas a questão composicional. Além disso, chama-nos atenção a possibilidade de compartilhar tais anotações através do aplicativo através de envio por email ou em redes sociais. Este compartilhamento nos anuncia uma ressignificação da relação autor-texto neste gênero, visto que, como sinaliza Chartier (1999), as anotações eram vistas como canais de diálogo entre texto-leitor que, agora, podem alcançar outros lugares que não apenas os olhos de quem as produziu.

Já o aplicativo Microsoft OneNote, apesar de não ser gratuito em sua totalidade, permite-nos que seja possível analisá-lo numa versão *free* até 30 dias. Em geral, é bastante parecido com o Evernote, possuindo os mesmos recursos. Na figura 03, é possível visualizar a imagem promocional do aplicativo.

Figura 03: Imagem promocional do Microsoft OneNote



Fonte: Blog na internet<sup>6</sup>

Percebemos que o Microsoft OneNote se assemelha a alguns editores de texto disponíveis no mercado quanto ao layout e funcionalidades. É permitida a inserção de imagens, como é possível verificar na imagem promocional, assim como organizar as anotações por listas, inserir elementos semióticos como *check marks*, distribuir as anotações em pastas etc. Percebemos, nestes dois aplicativos em particular, que há um intuito de inovar na produção do gênero anotação ao adicionar elementos semióticos próprios do mundo hipertextual. Porém, sem com isto descaracterizar a maneira como compomos as anotações quando estamos no suporte em papel, tomando nossas práticas grafocêntricas para embasar nossas relações com o hipermidiático.

<sup>6</sup> Disponível em <https://9to5mac.files.wordpress.com/2015/02/screen800x500-2.jpeg> Acesso em 04/11/2015.

## 5. Considerações Finais

Neste trabalho, procuramos refletir sobre o lugar do gênero anotação face às inovações tecnológicas, considerando as problemáticas que surgem neste cenário. Pois, assim como outros gêneros passaram a remodelar seus modos de composição devido às múltiplas possibilidades de composição textual com as quais nos deparamos cotidianamente, a anotação vem, também, adquirindo novo modo de ser.

Não estamos, aqui, atribuindo à anotação na tela digital um *status* de “novo” gênero. Tampouco, estabelecendo entre os suportes em papel e digital uma relação excludente. Com base em Signorini (2013: 209), percebemos que a metáfora espacial de “borda” é mais adequada ao invés da metáfora da “fronteira”. Para a autora (op.cit.), a fronteira seria “linha nítida de demarcação entre domínios”, enquanto a borda seria um “espaço comum e fluido entre domínios”, cabendo a esta última uma melhor metáfora para as relações que estamos construindo entre práticas grafocêntricas e hipermidiáticas.

## Referências

- BAZERMAN, C. *Gênero, agência e escrita*. 2.ed. São Paulo: Cortez, [2006]2011.
- BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BOCH, F. e PIOLAT, A. Note Taking and Learning: A Summary of Research. In: The WAC Journal, vol.16, set., 2005. Disponível em:  
<<http://www.wac.colostate.edu/journal/vol16/boch.pdf>> Acesso em: 20 nov. 2012.
- BOYLE, J.; WEISHAAR, M. *The effects of strategic notetaking on the recall and comprehension of lecture information for high school students with learning disabilities*. vol.16 (3), pp. 133-141, 2001. Disponível em:  
<<http://link.periodicos.capes.gov.br/ez16.periodicos.capes.gov.br/>> Acessado em: 06 nov. 2012.
- BUNZEN, C. *Dinâmicas discursivas nas aulas de português: os usos do livro didático e projetos didáticos autorais*. Campinas: [s.n.], 2009.
- CAVALCANTI, L. P. *Anotações em língua inglesa: um estudo do gênero para autorregulação*. Recife, 2012. Disponível em  
<<http://www.pgletras.com.br/2012/dissertacoes/diss-Larissa-de-Pinho-Cavalcanti.pdf>> acesso em 26 nov. 2012.

- CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- COSTA, C.; MAIA, H. 2011. Atenção. In: *Neurociências e desenvolvimento cognitivo*. Vol.2. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.
- DIONISIO, A. A multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita. IN: MARCUSCHI, L. A e DIONISIO, A. (orgs.). *Fala e Escrita*. Belo Horizonte, Autêntica, 2005.
- DIONISIO, A. Gêneros textuais e multimodalidade. In: *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 4.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- EINSTEIN, G.; MORRIS, J.; SMITH, S. Note taking, individual differences and memory for lecture information. In: *Journal of Educational Psychology*, vol.77(5), 1975. p.522-523. Disponível em: <http://link.periodicos.capes.gov.br.ez16.periodicos.capes.gov.br/> Acessado em: 09 nov. 2012.
- MARCUSCHI, L. A. Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. In: *Cognição, linguagem e práticas educacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio*. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf> Acesso 18 set 2012.
- MITTMANN, A; WILLRICH, R. et al. *DLNotes2: anotações digitais como apoio ao ensino*. Disponível em <http://www.br-ie.org/pub/index.php/sbie/article/view/2531> Acesso em 13 out 2015.
- MORAES, A. *Espaços em Branco: um convite a anotar*. Recife: o autor, 2013. Disponível em <http://www.pgletras.com.br/2013/dissertacoes/Diss-Andrea-Silva-Moraes.pdf> Acesso em 08 abr 2014.
- MORAES, E. *Anotação de aulas: Contribuições para a caracterização de um gênero discursivo e de sua apropriação escolar* Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, São Paulo. 2005. Disponível em: <http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000374651> Acesso em: 05 nov.2012.
- PIOLAT, A.; OLIVE, T.; e KELLOGG, R. Cognitive effort during note taking. In: *Applied cognitive psychology*, n.19, 2005. P. 291-312. Disponível em: <http://www.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/acp.1086/pdf> Acessado em: 26 nov. 2012.
- SOUZA, A. L.; CORTI, A. P.; MENDONÇA, M. *Letramentos no ensino médio*. São Paulo: Parábola editorial, 2012.
- XAVIER, A. C. *Reflexões em torno da escrita nos novos gêneros digitais na internet*. Disponível em <http://www.ufpe.br/nehete/artigos/Reflexoes%20em%20torno%20da%20escrita%20no%20novos%20generos%20digitais-Xavier.pdf> Acesso em 08 abr 2014.